



Unidade e amor ao Bom Pastor

Pedro no leme e Deus na barca
Querer ser filhos, abrir-nos a um lar



Diego Zalbidea e Andrés Cárdenas Matute

UNIDADE E AMOR AO BOM PASTOR

www.opusdei.org

Índice

- Apresentação
- Pedro no leme e Deus na barca: união com o Papa
- Querer ser filhos, abrir-nos a um lar

Apresentação

A unidade que os cristãos têm entre si provém de uma participação na unidade de amor que existe entre as pessoas da Santíssima Trindade. Na terra, a “prolongação desse Amor do Céu”^[1] é realizada através da união afetiva e efetiva com o Romano Pontífice e, no Opus Dei, como parte da Igreja, também se expressa através da filiação ao Prelado.

Este e-book reúne dois artigos para expressar esta unidade. O primeiro aborda o testemunho de São Josemaria e dos santos sobre o amor ao Papa. “Amar o Santo Padre é amar Cristo e a sua Mãe, a nossa Mãe Santíssima, Maria: *Omnes, cum Petro, ad Iesum per Mariam*, todos, com o Papa, devemos ir a Jesus por Maria”^[2], resumia o fundador do Opus Dei, deixando aos cristãos uma rica herança de fidelidade ao Santo Padre e à Igreja. Entre outros santos, também é mencionada a experiência de Santa Catarina de Sena, que chamava o Papa de *O Doce Cristo na terra*; assim como de Santo Irineu, que dizia que a unidade se realiza na Igreja junto com o Papa: na Igreja de Roma “sempre foi conservada, de maneira especial, a tradição que deriva dos apóstolos”^[3].

O segundo artigo se ocupa da união com o Prelado da Obra, aprofundando a paternidade e a filiação desta família sobrenatural dentro da Igreja. Como observa Mons. Fernando Ocáriz, “a dimensão carismática da Obra convida-nos a reforçar o ambiente de família, de afeto e confiança: o prelado deve ser um guia, mas, acima de tudo, um pai”^[4].

Santiago Salcedo Porras

^[1] São Josemaria, *Sozinho com Deus*, nº 143 (AGP, biblioteca, P10).

^[2] São Josemaria, *Apontamentos íntimos*, 17 de novembro de 1930, no. 110.

^[3] Santo Irineu de Lião, *Contra os hereges*, III, 3, 2.

^[4] Mons. Fernando Ocáriz, Mensagem de 22/07/2022.

[Voltar ao índice](#)

Pedro no leme e Deus na barca: união com o Papa

Um dia exaustivo termina para Jesus. Veio tanta gente para ouvi-lo, que teve de falar da barca de um de seus discípulos. Contou-lhes várias parábolas: a do semeador, a da lâmpada acesa, a do grão de mostarda... Uma vez despedida a multidão, saem rumo à margem oriental do lago de Tiberíades, talvez a bordo da mesma embarcação. Sopra uma brisa suave. Não é o melhor momento para descansar, mas Jesus encontra um travesseiro e se deixa vencer pelo sono. Tem plena confiança nas mãos experientes dos seus apóstolos para atravessar as águas.

Em pouco tempo, o mar sofre uma mudança: a brisa se transforma pouco a pouco em vento forte e assistimos ao relato de uma nova *parábola*, desta vez sem palavras, mas ao vivo. Os evangelhos falam de uma grande tempestade que ameaça afundar a barca (cfr. Mc 4, 37). Pela situação geográfica daquela zona, não se trata de algo raro: o lago é ladeado por montanhas ao norte e encontra-se numa depressão de duzentos metros abaixo do nível do mar. A tempestade costuma ocorrer ao cair da tarde e o vento do oeste sopra enfurecido, agitando as águas.

A bordo, não na margem

Muitos padres da Igreja viram uma imagem da Igreja na barca, sacudida pelas ondas e pelo vento. “O mar simboliza a vida presente, a instabilidade do mundo visível; a tempestade indica todos os tipos de tribulação, de dificuldades que oprimem o homem. A barca, pelo contrário, representa a Igreja edificada sobre Cristo e guiada pelos apóstolos”[1]. Em sua última Audiência Geral, ao cabo de quase oito anos como sucessor de Pedro, Bento XVI confessava ter passado, ao lado de dias de sol e de brisa suave, outros momentos também de ventos tempestuosos. “Contudo sempre soube – continuava – que naquela barca está o Senhor; e sempre soube que a barca da Igreja não é minha, não é nossa, mas é d’Ele. E o Senhor não a deixa afundar; é Ele que a conduz, sem dúvida também por meio dos homens que escolheu, porque assim quis”[2].

Esta certeza, que faz parte do claro-escuro da fé, leva-nos a não olhar, da margem, a tempestade, como se ela fosse algo alheio a nós. Não se trata de um cruzeiro no qual parte da tripulação dedica-se apenas a contemplar: somos pescadores, companheiros de faina de Pedro e dos apóstolos. Somos responsáveis por ajudar quem vem a bordo, cada um no seu lugar, sustentando também o Papa que nos guia.

Apenas duas semanas depois daquela última audiência do seu predecessor, dizendo as suas primeiras palavras no dia em que foi eleito, o Papa Francisco recordou-nos que precisa de nós, coisa que desde então costuma fazer com frequência: “E agora quero dar a Bênção, mas antes... antes, peço-lhes um favor: antes de o Bispo abençoar o povo, peço-lhes que rezem ao Senhor para que me

abençoe a mim; é a oração do povo, pedindo a Bênção para o seu Bispo. Façamos em silêncio esta oração de vocês por mim”[3]. São Josemaria também nos ensinou a fazer o mesmo; desde muito cedo, tinha o anseio de que todas as pessoas do Opus Dei e aqueles que, de uma forma ou outra, se aproximam do calor desta família, rezassem diariamente pelo Papa, pedindo concretamente a Deus que cuide dele, o anime, o torne feliz e lhe dê força nas tempestades[4].

O amor ao Papa, um dom que se recebe

No entardecer do dia 23 de junho de 1946, São Josemaria havia chegado a Roma, depois de várias peripécias, entre as quais outra tempestade marítima, desta vez no Mediterrâneo. O apartamento que seus filhos tinham alugado tinha um pequeno terraço que dava para a Piazza Città Leonina. Dali era possível observar as janelas dos aposentos do Papa Pio XII. O fundador do Opus Dei passou a noite em vigília, rezando pela Igreja e pelo Romano Pontífice. Anos mais tarde, ele contava que um eclesiástico zombou daquele gesto filial, por considerá-lo talvez ingênuo ou inútil. “Riram-se de mim. A princípio, essa murmuração fez-me sofrer; depois, fez surgir no meu coração um amor pelo Romano Pontífice menos espanhol – que é um amor que brota do entusiasmo –, mas muito mais firme, porque nasce da reflexão: mais teológico e, portanto, mais profundo”[5].

O amor ao Santo Padre, “fundamento perpétuo e visível de unidade, tanto dos Bispos como da multidão dos fiéis”[6], amadurece pouco a pouco, ao longo dos anos. No início, sem dúvida, alimenta-se de um entusiasmo humano que, com o tempo, vai se tornando “mais teológico”, mais consciente das suas razões, da sua importância e do seu caráter sobrenatural, difícil de explicar só com parâmetros humanos.

São Josemaria viveu sob o pontificado de diversos Papas. Quando ele era pequeno, São Pio X governava a Igreja e deve a ele a graça de ter recebido tão cedo sua primeira comunhão. Quando decidiu tornar-se sacerdote, o Papa era Bento XV. O Opus Dei nasceu sob o pontificado de Pio XI e recebeu a aprovação definitiva das mãos do venerável Pio XII, que foi o primeiro Papa com quem São Josemaria encontrou-se pessoalmente. São João XXIII recebeu-o várias vezes, mostrando-lhe um carinho paternal e de São Paulo VI foram “as primeiras palavras de carinho e afeto”[7] que ouviu ao chegar a Roma. O fundador do Opus Dei anotou em *Caminho* algo que Deus lhe tinha dado sentir desde a juventude e que seria um fio condutor durante todos estes pontificados: “Obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste em meu coração”[8].

Essas palavras sugerem que o amor ao Romano Pontífice é algo que não controlamos necessariamente com a nossa força de vontade, com uma convicção puramente teórica ou com uma simpatia natural. Com esta breve oração, São Josemaria agradece esse amor como um dom de Deus, como algo recebido gratuitamente. Entende-se melhor assim o que ele aprendeu de sua primeira noite romana: a amar ao Papa com um amor recebido de Deus, que não está à mercê das tempestades, que não depende de uma maior ou menor afinidade. Na própria manhã do dia do seu falecimento, o fundador do Opus Dei pediu a uma pessoa próxima ao Papa Paulo VI que lhe transmitisse a seguinte mensagem: “Há anos que venho oferecendo a Santa Missa pela Igreja e pelo Papa. Podeis garantir-lhe – porque mo ouvistes dizer muitas vezes – que ofereci a minha vida ao Senhor pelo

Papa, quem quer que seja”[9].

São Josemaria, Santa Catarina, Santo Irineu...

Na sede central do Opus Dei, em Roma, uma pequena arca de prata contém uma relíquia de Santa Catarina de Sena. Em uma placa esmaltada sobre a urna, lê-se, em latim: “Amou com obras e de verdade a Igreja de Deus e o Romano Pontífice”. A santa do século XIV havia escrito em uma de suas cartas, referindo-se ao Papa: “O que fazemos a ele, fazemos ao Cristo do céu, quer seja reverência, quer, vitupério”[10]. Em outra, também pedia: “Quero que ponhamos humildemente, a cabeça no regaço de Cristo no céu com afeto e amor, e de Cristo na terra, que faz suas vezes, por reverência ao sangue de Cristo, do qual ele tem as chaves”[11].

Esta convicção sobre a figura do Romano Pontífice – rodeado naquele século por complicadas tormentas – permitia a Santa Catarina compreender a imensa responsabilidade que pesa sobre os ombros dos Papas, e a levava a cultivar uma intensa oração de intercessão por eles. São Josemaria, leitor dos escritos da santa de Sena, dizia também: “Eu cortaria mil vezes minha língua com os dentes e a cuspiria longe, antes de fazer a menor murmuração sobre aquele a quem mais amo na terra, depois do Senhor e de Santa Maria: *il dolce Cristo in terra*, como costume dizer, repetindo as palavras de Santa Catarina”[12]. Esta atitude é o oposto de falar negativamente, em público, do Papa ou mesmo, diminuir a confiança nele, nem mesmo nos casos em que não se compartilhe algum critério pessoal particular. Se isso chegasse a acontecer, deve-se pelo menos um “assentimento religioso do entendimento e da vontade”[13] a seus ensinamentos.

Os testemunhos dessa união com o Papa nas vidas dos santos são tão numerosos como os próprios santos. Para mencionar apenas mais um, pensemos no que, quase mil anos antes, na aurora do cristianismo, Santo Irineu sentia a urgência de rogar pela unidade com aquele que estava a cargo da Igreja de Roma. Já naqueles primeiros tempos era claro que somente “nela sempre foi conservada, de maneira especial, a tradição que deriva dos apóstolos”[14].

Poderíamos dizer, por fim, que a barca da Igreja segue a orientação de três fontes: primeiro Cristo que, embora durma às vezes, está presente em todas as partes e em cada tripulante; depois Maria, como estrela que permanece iluminando-nos, embora as ondas sejam grandes; e depois Pedro, no comando do leme por mandato do próprio Jesus. “Cristo. Maria. O Papa. Não acabamos de indicar, em três palavras, os amores que compendiam toda a fé católica?”[15].

Rezar em meio a ondas e ventos

Meditando sobre esta tempestade no lago de Tiberíades, Santo Agostinho exortava à confiança em quem de verdade governa não apenas a barca, mas o mundo inteiro: “Imita os ventos e o mar: obedece ao Criador. O mar mostra-se dócil à voz de Cristo e tu continuas surdo? O mar obedece, o vento acalma-se e tu continuas a soprar? Que queremos dizer com isso? Falar, agitar-se, meditar na vingança: não será tudo isto continuar a soprar e não querer ceder diante da palavra de Cristo? Quando o teu coração está perturbado, não te deixes submergir pelas vagas”[16].

Nada escapa aos planos providentes de Deus: tampouco os ventos e as ondas.

“*Porque sois tão medrosos? Ainda não tendes fé?*” O início da fé é reconhecer-se necessitado de salvação. Não somos autossuficientes, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores, das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos – como os discípulos – que não há naufrágio”[17]. Para que essa convicção, porém, deite raízes em nós é necessário entrar em sua lógica através de uma vida contemplativa, de uma vida de oração que se abra à ação de Deus, muitas vezes surpreendente para nós. Teremos que afastar-nos da tentação de querer tomar o leme em nossas mãos. “O amor ao Romano Pontífice há de ser em nós – dizia São Josemaria – uma formosa paixão, porque nele vemos a Cristo. Se tivermos intimidade com o Senhor na nossa oração, caminharemos com um olhar desanuviado que nos permitirá distinguir, mesmo nos acontecimentos que às vezes não compreendemos ou que nos causam pranto ou dor, a ação do Espírito Santo”[18].

Até o sono de Jesus na barca é redentor. Essa aparente inatividade constitui o seu modo habitual de atuar: Ele apela à nossa liberdade; implica-nos na missão maravilhosa de levar aos homens o amor infinito do seu Pai. Seu coração está sempre atento “Não dorme, nem cochila o vigia de Israel” (Sl 121, 4). Embora não compreendamos às vezes seus tempos ou seus modos – sua paciência – no final sempre poderemos acabar dizendo sobre Ele que “junto com a tempestade das águas desfaz também a tempestade das almas”[19].

Diego Zalbidea e Andrés Cárdenas Matute

[1] Bento XVI, *Ângelus*, 7/08/2011.

[2] Bento XVI, Audiência, 27/02/2013.

[3] Francisco, bênção apostólica *Urbi et orbi*, 13/03/2013.

[4] Cfr. Preces do Opus Dei. Nelas consta a tradicional oração *Oremus pro Pontifice*.

[5] São Josemaria, *Carta* 17, n. 19.

[6] Concílio Vaticano II, Const. dog. *Lumen Gentium*, n. 23.

[7] São Josemaria, *Entrevistas*, n. 46

[8] São Josemaria, *Caminho*, n. 573.

[9] B. Álvaro del Portillo, *Entrevista sobre o fundador do Opus Dei*, Quadrante, São Paulo 1994.

[10] Santa Catarina de Sena, *Carta* 207, I, 436.

[11] Santa Catarina de Sena, *Carta* 28, I, 549.

[12] São Josemaria, *Carta* 17, n. 53.

[13] Código de Direito Canônico, n. 752. Cfr. Catecismo da Igreja Católica, n. 892.

[14] Santo Ireneu de Lião, *Contra as heresias*, III, 3, 2.

[15] São Josemaria, *Instrucción acerca del espíritu sobrenatural de la Obra*, n. 31.

[16] Santo Agostinho, Sermão 63, n. 3.

[17] Francisco, Momento extraordinário de oração em tempos de epidemia, 27-III-2020.

[18] São Josemaria, *Amar à Igreja*, n. 30.

[19] São Cirilo, em *Catena Aurea*, Lc 8, 22-25.

[Voltar ao índice](#)

Querer ser filhos, abrir-nos a um lar

Cada vez que um novo sucessor de São Josemaria é eleito e, posteriormente, nomeado pelo Papa, essa pessoa passa de ser filho a ser pai – Padre - desta família sobrenatural. O Espírito Santo opera uma transformação em seu coração. Aconteceu em 1975, ano do falecimento do fundador, em 1994, e em 2017, e continuará a acontecer enquanto a Obra seguir o seu caminho. Quando essa sucessão acontece, cada fiel da Obra também aprende a ser filho de uma maneira nova. Na verdade, é uma oportunidade que se apresenta a nós, diariamente, toda a vida.

Mesmo sendo filho por geração natural ou por vínculos espirituais, essa relação pode permanecer simplesmente como um “fato”, algo que está aí, talvez esquecido, e que a pessoa não escolheu *no presente* com uma força pessoal. Porque, além desse “fato”, também podemos escolher “viver como filhos”. Da mesma forma, um pai de família vai de simplesmente “saber que é pai” para escolher de verdade “viver como um pai”, e assumir a beleza dessa relação. Aquela escolha supõe não nos contentarmos com “ser filhos”, que já é bastante, mas também “querer ser filhos”, abrindo-nos ao calor de um lar.

O Espírito Santo: escola para ser filhos e para ser Padre

Sem irmos muito longe, São Josemaria teve de aprender a ser pai. “Até o ano de 1933 dava-me uma espécie de vergonha chamar-me ‘Padre’ de toda esta minha gente”, comentou, referindo-se aos primeiros anos que se seguiram à fundação do Opus Dei. “Por isso chamava-lhes quase sempre ‘irmãos’ em vez de ‘filhos’”^[1]. No entanto, pôs-se a ouvir o Espírito Santo, e logo pôde vislumbrar em suas expressões aquele sentimento de saudável orgulho pelos seus: “Não posso deixar de levantar a minha alma agradecida ao Senhor, de quem procede toda a família no céu e na terra, por ter me dado essa paternidade espiritual que, com a sua graça, assumi com plena consciência de estar na terra apenas para realizá-la. Por isso amo-os com coração de pai e de mãe”^[2].

Muitas vezes o fundador do Opus Dei confessou que, inexplicavelmente, sentia o coração expandir-se cada vez mais, à medida que mais pessoas se aproximavam ao calor desta família. Ao mesmo tempo, era consciente de que ele, pessoalmente, não era imprescindível. Sabia que seríamos bem cuidados quando ele não estivesse mais fisicamente na terra para exercer a sua paternidade: “Meus filhos, amo-os - não me importa dizê-lo, porque não estou exagerando - mais do que os seus pais. E tenho a certeza de que no coração dos que me sucederem encontrarão esse mesmo carinho – eu ia acrescentar que mais até, embora me pareça impossível–, porque terão bem no fundo de suas almas esse espírito de família que informa a Obra inteira. Chamem-nos de Padre, como fazem comigo”^[3].

A família é maior do que a parte

A decisão de assumir a paternidade ou assumir uma filiação - querer viver verdadeiramente como pais ou como filhos - implica superar a lógica do isolamento e entrar na lógica da família. São João Paulo II dizia que “Deus, no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em Si mesmo paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor”^[4]. Por isso, sempre faz germinar a sua palavra no solo fértil daqueles laços humanos: uma família, um grupo, um povo ... até chegar à comunidade universal que é a Igreja. De Deus Pai, afirma São Paulo, “recebe o nome toda paternidade no céu e na terra” (Ef 3,15).

Diz o ditado africano: “Se você quer ir rápido, vá sozinho, se quiser chegar longe, vá acompanhado”. A família nos dá um olhar mais amplo: nos enriquecemos com muitas outras sensibilidades e perspectivas. No caso da Obra, somos enriquecidos pelos fiéis de todas as latitudes, guiados pelo Padre. O Papa Francisco falou muitas vezes sobre a bela tarefa de conjugar o nosso desejo santo de melhorar o que temos à mão, com a pertença a uma família que se estende além do que conseguimos tocar: “O todo é mais do que a parte, sendo também mais do que a simples soma delas. Portanto, não se deve viver demasiado obcecado por questões limitadas e particulares. É preciso alargar sempre o olhar para reconhecer um bem maior que trará benefícios a todos nós. Mas há que o fazer sem se evadir nem se desenraizar. É necessário mergulhar as raízes na terra fértil e na história do próprio lugar”^[5].

À medida que os filhos crescem, ficam entusiasmados quando o pai lhes confia algo importante. Sentir-se valorizado faz parte do processo que leva à vida adulta. E esses atos de confiança tendem a ser cada vez maiores. O pedido nem sempre tem que ser expresso. Quando o filho aprendeu a antecipar as necessidades da família, basta uma insinuação. Tenta compreender a vontade do pai, quer assumi-la como sua, oferece-se para cumpri-la. No caso da família da Obra, podemos receber esses sinais do Padre por meio de suas comunicações frequentes em mensagens e cartas; ter a atenção desperta para detectar as suas preocupações quando participa de reuniões ou entrevistas; procurar reconhecer a sua orientação nas indicações e sugestões que nos envia para toda a Obra e que, de alguma forma, tem prioridade sobre o particular. Os filhos procuram surpreender o pai mostrando-lhe que não só compreendem bem as suas palavras, mas vão mais longe: lembram-se delas em todos os momentos, são impulsionados por elas e as tornam fecundas.

Dificuldades para atuar com o ritmo divino

Olhando para a vida de Cristo entendemos bem que a filiação e a cruz não são incompatíveis, mas justamente o contrário: ambas são marcadas pela promessa da ressurreição. Toda filiação natural e espiritual também tem, de alguma forma, essa dupla dimensão. O seu fundamento é o amor e, portanto, a dor pode estar presente: não para estragar tudo, mas para mostrar até que ponto essa relação é firme, segura, resistente à força dos vaivéns. Ser filho implica estar unido à vontade amorosa de um pai. E não deve surpreender-nos que isso requeira, às vezes, o sofrimento.

Esta atitude não anula as dificuldades que possamos encontrar, nem mesmo nos garante que escolheremos a melhor solução do ponto de vista humano, pois todos podemos errar. O que sabemos é que quem nos guia é o Espírito Santo, e que para

Ele não há obstáculo intransponível, nem caminho sem volta. Este dinamismo faz parte de saber-nos inseridos numa lógica sobrenatural, de Deus, com muitas mais dimensões do que somente aquele comprimento e largura que aparecem diante de nossos olhos. Muitos santos agiram com essas coordenadas, às vezes sem muita concordância humana, mas de acordo com o Espírito Santo que toca uma melodia que às vezes não entendemos totalmente. “Para ser um bom dançarino com Deus - dizia uma escritora do século XX, referindo-se à docilidade àquela música divina - não é preciso saber aonde a dança conduz. É necessário seguir em frente, ter alegria, ser leve (...). Não há razão para querer avançar a todo custo, mas aceitar se virar, andar de lado, saber parar e deslizar”^[6].

Essa cruz que pode vir junto com qualquer filiação normalmente não será grande e pesada. Não pretendemos suportar todo o peso, mas apenas o que um filho pode carregar. O nosso maior desejo é contribuir, com nossas *economias*, um grão de areia para o *negócio da família*.

Uma mensagem velada

Entre os costumes que São Josemaria, por inspiração de Deus, quis que as pessoas do Opus Dei vivessem, estão a oração e a mortificação diárias pelo Prelado. Aos olhos humanos pode parecer pouco, mas, unidos e animados com a caridade de Deus que os impulsiona, tornam-se um poderoso fluxo de graça.

É lógico que os sucessores de São Josemaria tenham sentido o peso daquela bendita carga que Deus colocou sobre os seus ombros. Ao mesmo tempo, é o Espírito Santo quem desempenha verdadeiramente a missão sobrenatural que lhes foi confiada como pastores. O Padre confessava, no final da sua carta de 14 de fevereiro de 2017, poucos dias depois de ter sido nomeado Prelado do Opus Dei pelo Papa: “Filhas e filhos meus, se neste mundo tão belo e ao mesmo tempo tão atormentado, algum se sentir sozinho alguma vez, saiba que o Padre reza por ele e o acompanha de verdade, na Comunhão dos Santos, e que o leva em seu coração. Gosto de recordar, nesse sentido, como a liturgia canta a apresentação do Menino no Templo (...): parecia, diz, que Simeão estivesse segurando Jesus em seus braços. Na realidade era o contrário, (...) era o Menino quem sustentava o ancião e o dirigia. Assim nos segura Deus, ainda que às vezes só conseguimos perceber quanto as almas nos pesam”^[7].

Por trás dessas palavras, talvez possamos intuir uma mensagem oculta e discreta para cada um. É como se o Padre nos dissesse que somos nós que o apoiamos. Sente o peso de ser o Padre, de ter se tornado guia e pastor deste rebanho, mas fica aliviado ao descobrir que somos nós que o sustentamos com a nossa oração, com o nosso sacrifício e com o nosso impulso na aventura que propõe para nós. Deus se serve de nós para sustentá-lo.

^[1] São Josemaria, Anotações íntimas, 28-X-1935. Citado em A.Vázquez de Prada, *O Fundador do Opus Dei*, volume 1, Quadrante, São Paulo 2004, pg. 508.

^[2] São Josemaria, *Cartas* 11, nº 23.

^[3] São Josemaria, Comunicação lida por dom Álvaro del Portillo no início do Congresso Eletivo do primeiro sucessor do Opus Dei, 15/09/1975.

^[4] São João Paulo II, Homilia, 28/01/1979.

^[5] Francisco, Ex. ap. *Evangelii Gaudium*, nº 235.

^[6] Serva de Deus Madeleine Delbrêl, “El baile de la obediencia”.

^[7] Mons. Fernando Ocáriz, Carta Pastoral 14/02/2017, n. 33.

[Voltar ao índice](#)

www.opusdei.org